



O nascimento e a estruturação de uma Nação
Por Erick Wolff

As Esposas de Odùduwà
Por Aulo Barretti Filho

Os Oba Omọ Oodua Descentes de Odùduwà:
filhos e / ou netos
Por Aulo Barretti Filho

Edit 12

Redação



Erick Wolff
Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nâgô'Kôbi



Dr. Roberto Tamelini Jr.
Jurídico

Iniciado no *Orisâismo* Afro-sul

Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla
Isabella Annicchino
Roberto Tamelini Junior
Rodolfo Presti

Carta do editor

Esta Edição dedicamos às Nações de matriz africana e o culto *Òrìsàista* Afro-sul, na esperança que possam entender um pouquinho mais da cultura do Candomblé.



Capa fotografada por Erick Wolff8
Modelo Ana Motta, iniciada para *Ôsún*

Nota - O instrumentos e materiais fotografados para a capa, não passaram por rituais de sacralização.

O nascimento e a estruturação de uma Nação

Erick Wolff

Pesquisador Independente
e Autodidata

Março / 2013

RESUMO

O propósito deste texto é criar um conceito de formação de Nação, demonstrando a diversidade entre as Nações *Ketu*, *Angola*, *Jeje* e *Orisãismo*¹ Afro-sul estabelecidas no Brasil. Ressaltando alguns detalhes e conceitos do *Orisãismo* afro-brasileiros e o *Orisãismo* Afro-sul, para isso apresentamos noções dos costumes, idiomas e conceitos das quatro Nações, quebrando o mito da existência de sub-Nações entre as Nações existentes.

PALAVRAS CHAVES: *Orisãismo*, *Orisã*, Nações, Batuque, descendência, ancestralidade, *Yorùbá*, *Ìkójopá-òòṣà*, *Íran-òòṣà*.

¹ *Orisãismo* - O conjunto das religiões ou a religião dos que cultuam os *Orisã*.

INTRODUÇÃO

O culto à Nação de matriz africana é formado por uma comunidade, onde os indivíduos perpetuam tradições, rituais, costumes, idioma, cultura, e o culto às divindades.

A formação de uma Nação se dá através da reunião de um grupo de indivíduos criando um ritual, preservando a cultura e tradições de um povo, para render culto às divindades e ancestrais. Todo o processo demanda que haja uma liturgia adequada no idioma nativo ou nas origens das divindades cultuadas.

Este grupo religioso tem por necessidade registrar oralmente todos os conceitos e rituais para que não se perca a diretriz, cultura e costumes religiosos, perpetuando para aquela comunidade histórias, lendas, cantigas e conceitos daquele povo.

E com o tempo há possibilidade do surgimento de subdivisões, porém para considerar existência das subdivisões e a criação de novas Nações independentes é necessário observar os elementos que a distingue da Nação matriz, e se não forem suficientes para a formação de uma nova Nação, poderá ser chamada de raiz, evitando assim a clonagem da própria Nação, onde são parecidas, mas assumem diferentes nomes. Para que não ocorra o crescimento de Nações clonadas, desfragmentando a matriz, os sacerdotes procuram manter uma certa uniformidade, criando uma identificação e conceitos que sustente a uniformidade entre os templos pertencentes a determinada Nação.

Qual a necessidade da formação de uma Nação?

Uma casa se fortalece quando segue uma tradição identificada por uma Nação, criando vínculos com rituais, conceitos, idioma, divindades e liturgia. Desta forma os povos podem seguir as tradições e o iniciados daquela religião, fazendo com que a comunidade reconheça traços e costumes de um determinado povo, alinhando os rituais e liturgia de cada templo com a similaridade de cada Nação fundada, e, para aqueles que fazem parte destas Nações a partir da iniciação entram para a ancestralidade, ou seja, recebem através do sacerdote o ãse da ancestralidade familiar e religiosa².

Como identificamos estas Nações e como são escolhidas pelos adeptos, veremos a seguir;

² Nota - A iniciação restabelece o vínculo com a divindade através da ancestralidade familiar, o sacerdote cria descendentes e gera novos herdeiros familiares, ao mesmo tempo que ele busca a ancestralidade direta do iniciado através da iniciação para a divindade do indivíduo.

Nações

Nos basearemos nas quatro principais Nações afro-brasileiras que são *Ketu*, *Angola*, *Jeje* e o *Orisãismo* Afro-sul (Batuque), todo o trabalho estará vinculado ao culto estabelecido no Brasil, levando em consideração a possibilidade destas Nações nem existirem na África, conforme veremos a seguir;

Os Jeje - A palavra *JEJE* vem do yorubá *adjeje* que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existe e nunca existiu nenhuma Nação *Jeje*, em termos políticos. O que é chamado de Nação *Jeje* é o candomblé formado pelos povos *fons* vindo da região de *Dahomé* e pelos povos *mahins*. *Jeje* era o nome dado de forma pejorativa pelos *yorubás* para as pessoas que habitavam o leste, porque os *mahins* eram uma tribo do lado leste e *Saluvá* ou *Savalu* eram povos do lado sul. O termo *Saluvá* ou *Savalu*, na verdade, vem de "Savé" que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria *Bariba*, uma antiga dinastia originária de um filho de *Oduduá*, que é o fundador de *Savé* (tendo neste caso a ver com os povos *fons*). O *Abomei* ficava no oeste, enquanto *Axantis* era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos *Jeje*. [A origem dos *Jejes* - Reginaldo Prandi]

Este texto esclarece que o nome da Nação *Jeje* é uma expressão usada para forasteiros pelos *Yorubá*, uma Nação formada pelos *Fon*, que aportaram no Brasil e trouxeram seu culto, porém muitos *vodun* não vieram com eles, e o seu culto não está presente, o mesmo ocorreu com a Nação *Angola*, que o culto alguns *Nkisi* foram esquecidos ou não vieram com os *Bantu*.

Porém os *Yorubá* introduziram no seu culto alguns *Vodun* cultuados no caminho de *Orisã*, isso quer dizer que estes *vodun* aceltaram serem cultuados como *Orisã* e na forma de *Orisã*, ou seja, as divindades *vodun* passaram a ser cultuados em *ókúta*³. (Johnson)

Estas divindades poderão ser encontrados no Candomblé de *Ketu* e o *Orisãismo* Afro-sul, sabemos que *Nanã*, *Xapanã*, *Sogbo*, *Gue* entre outros *Vodun*, deixaram a forma original de serem cultuado, passando a ser sento e cultuando no *ókúta*.

Notem que praticamente as mesmas divindades são cultuadas candomblé de *Ketu* e o *Orisãismo* Afro-sul, porém com rituais, cultos e liturgias diferentes, no entanto o *Orisãismo* Afro-sul cria subdivisões (*Jeje*, *Ijesá*, *Oyá* e *Kâmbina*) mesmo assim não há possibilidade da existência de novas Nações, afinal, faltam elementos suficientes para que sejam reconhecidas como independentes, para entender melhor estes mecanismos os convidado a conhecer um poucos sobre cada Nação.

³ *Ókúta*- Pedra, os *yorubá* trouxeram o costume e fundamento de assentar as suas divindades em pedra, chamado de *ókúta*.

Começaremos classificando o Idioma destas Nações

- *Òrìṣàìsimo Afro-sul* – Idioma *Yorùbá*⁴ arcaico com possível influencia do *Ewê-fon*⁵.

- *Ketu* – *Yorùbá*.

- *Jeje* – *Ewê-fon*

- *Angola* - *Kikongo* e *Kimbundo*⁶.

Considerando o esforço dos sacerdotes e adeptos para preservar o idioma original e tradicional de cada Nação, durante o decorrer dos anos, desde a sua fundação até a atualidade, pode ser que tenha havido possíveis alterações, no idioma nativo de cada Nação, um problema natural pela falta do domínio do idioma.

No caso do *Òrìṣàìsimo Afro-sul*, as cantigas sofreram uma amputação linguística, com a perda da letra “GB” (som G e B ao mesmo tempo), modificando e adulterando as cantigas, criando uma dificuldade para transcrever e traduzir estas cantigas. Por no máximo poderemos ter uma noção do que cantamos ao identificar uma ou outra palavra do idioma, sente que forme uma uniformidade na tradução, mas para isso será necessário que tenha um bom domínio e entendimento do idioma para não criar equívocos.

Da mesma forma que podemos considerar a possível influencia do idioma *Ewê-Fon* nas cantigas do *Òrìṣàìsimo Afro-sul*, no entanto, não podemos afirmar com certeza que haja elementos linguísticos *Ewê-Fon*.

⁴ *Yorùbá* - Idioma nativo do grupo Nigeriano. Este mesmo idioma é o praticado pelos povos *Òrìṣàìstas*.

⁵ *Ewê-Fon* – O idioma nativo dos grupos *Gana*, *Togo* e em *Benim*.

⁶ O Idioma deste povo de Angola, *Moçambique*, R. D. do *Congo*, *Zâmbia*, *Gabão* e *Camarões*

A principais divindades cultuadas nas principais Nações

<i>Òriṣàista Afro-sul – òriṣà</i>	<i>Keju – òriṣà</i>	<i>Jeje - vodun</i>	<i>Bantu - nkisi</i>
<i>Olórun</i>	<i>Olórun</i>	<i>Mawu</i>	<i>nZambi</i>
<i>Bara (Bara e Legba)</i>	<i>Èṣù</i>	<i>Legba</i>	<i>Bambo Jila</i>
<i>Ògún (Ògún e Avagà)</i>	<i>Ògún</i>	<i>Gu</i>	<i>nKosi</i>
<i>Oya</i>	<i>Oya</i>	<i>Jó Aveji Da</i>	<i>Matamba</i>
<i>Sàngó (Aganju, Ajaka, Gbaru e Sàngó)</i>	<i>Sàngó</i>	<i>Heviossó</i>	<i>nZazi</i>
<i>Ibeji</i>	<i>Ibeji</i>	-	<i>nVunji</i>
<i>Odé</i>	<i>Osóosi</i>	<i>Otolú</i>	<i>Mutakalambo</i>
<i>Otim</i>	-	-	-
<i>Obá</i>	<i>Obá</i>	-	<i>Katendé</i>
<i>Osanyin</i>	<i>Osanyin</i>	<i>Agué</i>	<i>Kavungu</i>
<i>Xapanã (Xapanã e Sapaktá)</i>	<i>Obaluaiye</i>	<i>Sapaktá</i>	<i>nDandaLunda</i>
<i>Osún</i>	<i>Osún</i>	<i>Aziri</i>	<i>Kaya</i>
<i>Yemojá (Yemojá e Nanã)</i>	<i>Yemojá</i>	<i>Agbê</i>	<i>Lembá</i>
<i>Òṣṣàálá (Òṣṣàálá, Òbokún e Olókun)</i>	<i>Òṣṣàálá</i>	<i>Lissá</i>	-
<i>Egun</i>	<i>Egun</i>	-	-
<i>Zina</i>	<i>Ifá</i>	<i>Fa</i>	<i>Kitembu</i>
	<i>Oṣumaré</i>	<i>Besén</i>	<i>Hongolo</i>
	<i>Iroko</i>	<i>Loko</i>	<i>nZumbarandá</i>
	<i>Nanã</i>	<i>Nanã</i>	
	<i>Ewá</i>	<i>Ewá</i>	
	<i>Logun Edé</i>	<i>Dangbé</i>	

- As divindades *Òriṣàista Afro-sul*; se dividem em duas, estão entre os *Funfun*⁷ e os *Èbgra*⁸, os *Funfun* seriam aqueles que desceram do *òrun* e povoaram o *ayé*⁹, formando descendentes através do seu culto, e os *Èbgra* foram divinizados e criando descendentes, e propagando o culto através da descendência, rituais, cantigas e cultura.

⁷ *Funfun* – As divindades que segundo a cultura *Yorùbá*, desceram do *òrun* para povoar o *ayé* (mundo físico). Esta palavra também significa a cor Branca.

⁸ *Èbgra* – Um tipo de espírito, outra possível definição de *òriṣà*.

⁹ *Ayé* – Mundo físico ou terra.

Neste momento precisamos chamar a atenção da existência de pequenos *Òrìṣà* independentes reunidos em um *Òrìṣà* maior, por similaridade de funções e características.

Assim acontece com *Óbokún*¹⁰ e *Olókun*¹¹ divindades *Funfun* aglutinados sob uma divindade maior, o que ocorre com a divindade *Òòṣàálá*.

Isso chama-se *Ìkójopò-òòṣà*¹², quando acomoda várias divindades dentro de uma única que explica a sua característica, personalidade e ou herança. O que por anos foi chamado de qualidades, hoje podemos notar que o termo qualidade de uma divindade pode gerar um erro conceitual, diante do entendimento de que para que uma divindade fosse caracterizada e entendida por qualidade, estaríamos falando de uma mesma divindade com nomes diferentes e ou sendo identificada de formas diferentes.

E foi na estrutura religiosa cristã, que os católicos, oferecem um bom exemplo de qualidade, usam vários nomes para uma mesma santa, como Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Conceição, onde sabemos que se trata da Nossa Senhora Mãe de Jesus, considerada uma santa para os Católicos, criando assim vários nomes para a mesma personalidade, ou seja, estes nomes seriam as qualidades de uma única santa.

No caso da estrutura *Òrìṣàista* Afro-sul notaremos que *Nanã* é uma divindade *vodun*, localizada no culto de *Yemujá*, sendo cultuada como *Òrìṣà*, porem notem que ela já veio com os *Yorùbá*, criando assim um *Ìkójopò-òòṣà* na *Yemujá*.

Outro conceito encontrado na cultura *Òrìṣàista* Afro-sul é quando nos deparamos com o termo caminhos de um *Òrìṣà*, na possibilidade de falar sobre descendência de uma única divindade, para que haja semelhança e distinção é preciso entender que muitas vezes um ancestral pode reencarnar numa mesma família, criando uma linhagem e descendência direta daquela divindade, sendo possível dizer que o avô retornou nascendo naquela mesma família, uma alegria para aqueles descendentes.

Neste caso é possível chamar *Iran-òòṣà*¹³, uma possível descendência, conforme podemos notar o caso do *Aláààfin* que aglutina vários *Aláààfin* sob o título de *Ṣàngó*.

¹⁰ *Óbokún* – Rei e fundador de *Ilegá*, o filho mais novo de *Odúduwá*

¹¹ *Olókun* – Senhor dos oceanos.

¹² *Ìkójopò-òòṣà* – Ajuntamento, acumulação ou coleção.

¹³ *Iran-òòṣà* – Geração, descendência.

Exemplo; *Aganju, Ajaka, Gbaru, Sàngó e etc...* Todos aglutinados sob o nome de *Sàngó*, porem são divindades e personalidades diferentes, que são cultuados sob o nome de *Sàngó*.

No entanto, neste caso haverá necessidade de entender que tal divindade é o segmento de uma única *Ebi*¹⁴, diferente do caso de *Òḡṣàálá, Óbokún e Olókún* que são divindades distintas formando um *Ìkójoṣe-òḡṣà* em *Òḡṣàálá*, conforme citado acima.



¹⁴ *Ebi* – Família

As cores das divindades cultuadas Òrìṣàista Afro-sul;

Olórun - Não possui cor nem culto.

Bara - Cor vermelha.

Ógún - Cor verde e o vermelho, em algumas casas a cor azul marinho.

Oya - Cor branco e vermelho, algumas casas a cor marrom.

Ṣàngó - Cor branca e o vermelho.

Ibeji - Colorido com exceção da cor preta.

Odé - Cor azul marinho com branco.

Otim - Cor azul claro com rosa.

Obá - Cor rosa ou marrom.

Osanyin - Cor verde e branco ou a cor verde e amarelo.

Xapaná - Cor preto e vermelho, lilás e branco ou a cor preto e roxo.

Òsún - Cor dourado.

Yemjá - Cor azul claro.

Òṣàálá - Cor branco leitoso.

Egun - Não possui cor específica, podendo ser usada várias cores.

As cores servem para identificar as divindades cultuadas, elas são usadas em roupas, paramentos, adereços e fios de contas.

É costume do Òrìṣàista Afro-sul usar um único fio de contas destinado para a sua divindade, podendo chegar a ser três ou mais divindade, conforme o fundamento deste indivíduo. Porém atualmente os adeptos do Òrìṣàismo Afro-sul, estão usando um único fio de contas formado por vários fios presos por uma firma¹⁵, chamado de *delogun*¹⁶ pelos adeptos do Òrìṣàismo Afro-sul. Fora este fio, poderemos encontrar a Imperial que é um fio formado por vários fios que contém várias firmas, formando gomos coloridos, cada gomo é confeccionado na cor de uma divindade, havendo vários gomos cada um deles representa cada uma das divindades cultuadas nesta Nação. A ordem e as cores das divindades podem mudar no fio da Imperial, conforme os fundamentos da *Ebí* do iniciado, a Imperial é um fio de contas somente os sacerdotes podem usar.

¹⁵ Firma - Pedras coloridas maiores que servem para demarcar os fios, algumas são confeccionadas com argila, murano ou metais.

¹⁶ *Delogun* - Nome criado pela diáspora candomblecista para fios com mais de oito fios.



- O candomblé¹⁷ de Ketu, cultua praticamente as mesmas divindades que o *Òriṣàismo* Afro-sul, salvo algumas divindades (*Ifá*, *Oṣumaré*, *Iroko*, *Logun* e *Ewá*) pertencentes à Ketu não cultuados no ritual *Òriṣàista* Afro-sul, o que não gera ilegalidade no culto *Òriṣàismo* Afro-sul.

Olórun - Não possui cor.

Èsù - Cor preto e vermelho.

Ogún - Cor azul marinho ou verde.

Oya - Cor marrom (terracota).

Sàngó - Cor branco e vermelho ou marrom (terracota) com branco.

Ibeji - Várias contas coloridas.

Osóosi - Cor azul claro, ou azul celeste com verde 1 x 1.

Obá - Cor rosa com vermelho.

Osanyin - Cor verde.

Obaluaiye - Cor branco rajado de preto, preto e rajado de vermelho ou vermelha rajada de preto e branco.

Oṣún - Cor dourado.

Yemjá - Cor cristal transparente.

Oòṣàálá - Cor branco.

Egun - Várias cores ou branco.

Ifá - Cor verde e vermelho

Oṣumaré - Cor amarelo rajado de preto.

Iroko - Cor cinza.

Nanã - Cor lilás.

Logun - Cor azul claro com dourado.

Ewá - Cor laranja.

No Candomblé de Ketu, os noviços usam um fio de contas chamado *Kélé*¹⁸, que o iniciado permanece com ele durante três meses, ou mais, o período de resguardo e aprendizado daquele iniciado. Após este período usam apenas a *delogun* e os mais velhos usam o *segui*¹⁹.

¹⁷ Candomblé - É uma religião baseada na cultura de matriz africana, trazida pelos negros e instalada no Brasil como sua segunda pátria. O culto às divindades africanas encontrou aqui um ambiente favorável para difusão do culto a ancestralidade africana, sendo através do Candomblé, Batuque e Umbanda que aos poucos o culto de matriz africana tomou espaço e foi criando personalidade.

* *Kélé* - Colar de contas vermelhas e brancas, usado pelos devotos de *Sàngó* e *Oya* (África). Além disso, esses devotos são impedidos de cortar o cabelo, que é mantido trançado à moda feminina. Idem *ogú*.

¹⁹ *Segui* - Um único fio que contem algumas contas ligeiramente maiores para demarcar.



O Kélé no pescoço do iniciado



Estes fios de contas são os Brajá.



- O candomblé de Angola, as divindades cultuadas chamam-se *nkisi*, e a maioria deles surgem através da criação do seu Deus maior *NZambi*, algumas destas divindades são elementos da natureza, as demais personificações divinas.

nZambi – Cor branco e Marfim

Bambo Jila – Cor preto e vermelho ou metal, podendo usar uma argola de metal no pescoço.

nKosi – Cor azul ou verde, podendo usar a argola de metal no pescoço.

Matamba – Cor marrom ou vermelho.

nZazi – Cor vermelho e branco ou rajada de vermelho e branco.

nVunji – Contas coloridas.

Mutakalambo – Cor azul claro.

Katendê – Cor verde e branco.

Kavungu – Cor preto e branco.

nDandaLunda – Cor amarelo ouro.

Kaya – Cor cristal ou azul transparente.

Lembá – Branco ou branco aperolado.

Kitembu – Cor marrom, verde e branco

Hongolo – Cor amarelo e verde.

nZumbarandá – Cor cristal e roxo

A *Angola* manufatura os fios de contas dentro do barracão e devem ser feitos com barbante ou fio de algodão, mudando as cores das contas conforme a divindade, o *muzemza*²⁰ deve carregar um fio chamado *mijologum*²¹, quando o iniciado receber sua graduação ou cargo, são acrescentados dezesseis firmas neste fio, que chama-se *brajá*²². Durante a confecção dos fios, existe uma reza para montar, após é preparado um *amací*²³ de ervas para lavar os fios de contas, que cada divindade possui um tipo de *amací*.

As roupas e paramentos são confeccionados de bordados dentro do barracão, ficando a cargo do serviço do *Vunji*, uma divindade de origem *Bantu*, que mais tarde foi assimilada pelas demais Nações, recebendo o nome de *eré*.

²⁰ *Muzenza* – O noviço recém-iniciado, ele mantém este nome até que complete sete anos de feitura.

²¹ *Mijologun* – Um único fio de contas contendo 16 fios de contas fechado com um único fechamento.

²² *Brajá* – Um único fio de contas contendo 16 fios formando vários gomos, cada gomo é preso com um fechamento, somando dezesseis fechamentos.

²³ *Amací* – Preparado de ervas sagradas, são usados para lavar cabeça, fios e contra-egun.



- O candomblé de *Jeje*; sua estrutura mistura-se entre elementos da natureza, ancestrais divinizados e seres encantados.

Mawu – Não possui cores.

Legba – Cor preto e vermelho

Gu – Cor verde e vermelho, verde musgo ou azul turquesa.

Jô-Aveji-Da – Cor branco leitoso ou pérolas, podendo ser branco rajado de azul claro

Heviosô – Cor branco leitoso e vermelho, bordô e branco ou terracota e branco

Otolú – Cor azul turquesa

Agué – Cor verde e branco ou verde e amarelo

Sapaktá – Cor roxo (ou bordô), preto e branco (varia segundo a escolha do *vodun*, notando-se uma maior presença do branco para *Avimaje*)

Azirí – Cor amarelo leitoso

Agbê – Cor bordô e branco ou laranja rajado de preto.

Lissá – Cor branco leitoso

Fa – Não informada a cor

Besén – Cor amarelo cristal ou amarelo cristal e verde cristal

Loko – Cor branco rajado de verde

Naná – Cor lilás ou rajada de azul marinho

Ewá – Cor laranja e vermelho

Os fios de contas são muito semelhantes da Nação de *Ketu* e *Angola*, com a diferença que existe um fio chamado de *Hungebe*²⁴, que somente os mais velhos e graduados podem usar, quanto mais fino mais graduado, geralmente é um fio sem enfeite ou qualquer mudança, feito na cor da divindade do iniciado, será o fio de maior fundamento desta Nação.

²⁴ *Hungebe* – um único fio de contas, que carrega a cor do *òrigã* do iniciado.



Cultura

- O povo *Òrìṣàista* Afro-sul; possui uma riquíssima cultura, tanto quanto as demais Nações, baseada na tradição *Yorùbá*, o seu culto permaneceu fechado por anos, protegendo a sua cultura intacta da modernização, até alguns anos, onde estudiosos da própria cultura, tentaram criar similaridade entre o *Òrìṣàismo* Afro-sul e o Candomblé de Ketu, mesmo não havendo simbiose alguma entre ambas, este movimento poderia ruir uma estrutura religiosa que preservou seus elementos distintos do Candomblé.

O *Òrìṣàismo* Afro-sul, nasceu e expandiu no Rio Grande do Sul, chegando a instalar templos que levaram a sua tradição nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. E finalmente exportando o *Òrìṣàismo* Afro-sul para Argentina e Uruguai, criando assim o conceito e dinâmica do *Òrìṣàismo* Afro-sul, por ser uma religião que destacou-se com grande sucesso no "Sul do Brasil" e na "América do Sul".

A estrutura religiosa Afro-sul gira em torno de um *òrìṣà*, neste caso considerado o mentor do templo, apesar de terem consciência da existência de *Olórun*, como o Deus de grande importância dos *Yorùbá*, muitos adeptos consideram *Òṣàálá*, a maior divindade desta cultura. O que chega a ser uma verdade, afinal é narrado por alguns sacerdotes antigos do *Òrìṣàismo*, que *Òṣàálá* é o responsável pela criação do *Ayé* e tudo o que podemos ver no mundo físico, não esquecendo que ele é responsável pelos *ara*. Esta afirmação pode ser encontrada a "Criação do mundo segundo *Òṣàálá*", pelos versos de *Obátálá* e a criação do Mundo Iorubá [narrado oralmente por Luiz L. Marins e registrado no seu livro, que se encontra no prelo].

É costume desta Nação usar um ou mais *ilú*²⁵, que ficam amarrados na cintura do *Alágbè*²⁶ que toca sentando, não tendo um numero específico de tambores para o ritual da sala, que geralmente poderemos ver um *agê*²⁷, neste caso é uma cabaça empachada com missangas coloridas, que dão um som de agua caindo no telhado, serve para acompanhar o *ilú*.

²⁵ *Ilú* - Um tambor feito de madeira ou latão que possui dois lados, muito usado pelo *Òrìṣàista* Afro-sul

²⁶ *Alágbè* - Aquele que usa a cabaça como instrumento musical (lit. o senhor da cabaça), termo usado no *Òrìṣàismo* Afro-sul para os tocadores de *ilú*.

²⁷ *Agê* - Cabaça usada como tambor em algumas aldeias.



- O candomblé de Ketu; segue a tradição *Yorùbá Òrìṣàista*, e é responsável pela difusão do *Òrìṣàismo* pelo resto do País, acreditam que *Olórun* seja o Deus central do seu culto e rendem homenagem em alguns rituais.

O candomblé em geral é mais divulgado e seus rituais de sala são muito mais expressivos, com grandes destaques para as vestimentas²⁸ e danças²⁹ ritualísticas, sendo um dos fatores que encantou os Brasileiros e estrangeiros, que viam as divindades vestidas com o melhor em tecidos e paramentos ritualísticos.

As comidas tradicionais, danças e ritmos percussionistas foram introduzidos na cultura Brasileiras através dos candomblés, tradicionalmente encontraremos três atabaques na sala, batizadas de *Rum*³⁰, *Rumpi* e *Le*, cada uma tocada com varas chamadas *aquidavi*³¹, cada atabaque recebe o nome de um *òrìṣà* seguindo a hierarquia das divindades regentes do templo. [por Fabize Muinhos]

- Candomblé de Angola; segue a tradição *Bantu*, acredita que *Nzambi* criou o mundo espiritual, o universo, as divindades (*nkisi*) e os seres humanos. Seus rituais de sala assemelham-se aos de *ketu* e *Jeje*, salvo algumas considerações como tocar os atabaques com as mãos sem o *aquidavi*. Os cargos e o idioma são diferentes, mudando o ritual e o culto às divindades.

As vestes e paramentos são idênticos, mudando apenas as cores usadas para as divindades, as cantigas e o idioma usado na sala.

- Candomblé *Jeje*; segue a tradição *vodun*, os rituais de sala são bem parecidos, porem mudam as vestimentas, paramentos e as cores dos fios de contas. Poderemos encontrar três atabaques ou tambores rudimentares, com a mesma função e ritual, o candomblé manteve a maioria da sua ritualística sala, mudando apenas as cantigas, o idioma, fios de contas, as cores das divindades e as saídas, cada uma tem uma sequência e um ritual conforme a sua estrutura religiosa. Porem sabemos os nomes dados as atabaque (*Rum*, *Rumpi* e *Le*) são de origem *Jeje*. E apesar da semelhança as divindades são diferentes e suas danças e forma de manifestar são diferentes das demais.

²⁸ As vestimentas e paramentos do candomblé basease na corte europeia do século XX, com saias com amplos enchementos, deixando-as rodadas e muito armadas, os paramentos lembram as coroas e diademas que os nobre usavam.

²⁹ Representações dos rituais e das história e lendas dos Deuses que cultuam.

³⁰ *Rum* - O maior de todos, possui o registro grave; o do meio, *Rumpi* - tem o registro médio; o *Le* - o menor, possui o registro agudo.

³¹ *Aquidavi* - varetas secas e retas usadas para tocar as [os] atabaques ou tambores. Geralmente confeccionadas com galhos de goiabeira (*psidium guaiava*) e araçazeiro (*psidium littorale*).



Tradições criadas pelas Nações

- *Orisãismo* Afro-sul não guarda a sexta feira para *Òsàálá*.

Na porta de um templo *Orisãista* Afro-sul haverá uma ferramenta do principal *Orisã* da casa, como uma vassoura feita de carqueja, palha ou pequenos ramos verves, símbolo da divindade Xapanã, já numa casa de *Bara* é possível ter uma chave na porta, ou o símbolo do *Orisã* do templo irá marcar a entrada.

Alguns templos desta Nação haverá um buraco no meio do salão principal, coberto com uma pedra branca ou colorida, que guarda o fundamento do grande *Aláààfin*, que serve como segurança da casa. Porém em todas as casas poderá encontrar uma ou mais casinhas do lado de fora, uma delas pertencerá ao *Orisã Lode* e *Avagã*, podendo haver mais algumas casinhas de divindades que são cultuadas no templo.

Outra tradição do *Orisãismo* Afro-sul é uma mesa para *Ibeji*³², um ritual que é feito antes do toque principal, sempre que houver uma obrigação com bichos de quatro pés, principalmente se *Sàngó* ou *Osùn* comer. Ao final do toque na reza de *Òsàálá* o sacerdote estende um grande *álá*³³ e todos os indivíduos presentes podem dançar pelo menos uma volta embaixo do *álá*.

O *Aséro*³⁴ é uma divindade adjunta, fundamentada na divindade principal, são cultuados para ajudar nos afazeres do templo, tanto para depenar aves, lavar, cozinhar e fazem praticamente tudo, claro que com supervisão dos que não estão em transe. Porém é preciso saber que o *Aséro*, não tem permissão de manifestar sem a passagem da divindade antes, não existindo uma independência, ele só possui permissão de vir, após a divindade manifestar, e quando vão embora, a divindade deve voltar, dá o seu *Gbehun*³⁵ e aí sim pode ir embora.

³² Mesa de *Ibeji* - Estende uma toalha no meio do salão, em cima desta toalha vai algumas comidas das divindades *Osùn* e *Sàngó*, velas, flores e muitos doces, ao redor sentam algumas crianças até 8 anos, grávidas ou senhoras, sempre marcando o número de múltiplos de 6. Dançam e cantam ao redor enquanto servem uma sopa de galinha e depois os doces. Este é um ritual importante para o templo, ele simboliza a mesa dos inocentes, que pedimos através deles que as divindades tenham misericórdia e tragam prosperidade e fartura, para os *Yorùbá* as crianças são símbolos de fartura e prosperidade, trazendo um bom *àgè*.

³³ *Álá* - Grande pano branco estendido, simbolizando o *álá*, ou os panos brancos da grande divindade criadora do *ayé*.

³⁴ *Aséro* - planejador sabe-se que as divindades chagam e levam muitos anos para ter permissão de falar na cultura Afro-sul, desta forma o *Aséro* é o intermediário e responsável por trabalhos manuais durante os rituais e preceitos.

³⁵ *Gbehun* - *Gbé* - exercitar-se, berrar + *Ohún* - voz / Um brado ou berro que a divindade dá quando chega, em determinados momentos ou quando vai embora.

- Os candomblés *Ketu*, *Angola* e *Jeje*, guardam a sexta feira vestidos com roupas brancas, seguindo os preceitos de não jogar, não beber bebidas alcoólicas, não abrir jogo e não tirar *ebô*³⁶, o templo fica aguardando finalizar a sexta feira para poder voltar à atividade.



Do lado de fora do templo encontraremos uma árvore sagrada destinada à divindade *Iroko*, ao redor dela ou em seus galhos haverá alguns panos brancos amarrados com belos laços. Ao redor desta árvore os adeptos dançam e oferecem comidas sagradas.

No templo do candomblé de *ketu* é costume ter vários quartos, um para cada divindade ou pelo menos as principais divindades daquela casa, ou se não houver muito espaço, haverá uma casa para *Èṣù*, outra para as divindades do dendê (*Ògún*, *Oya*, *Sàngó*, *Osóosi*, *Obá*, *Osanyín*, *Obaluaie*, *Ifá*, *Osumaré* e *Naná*) e outra para as divindades do mel (*Osún*, *Yemojá* e *Oôsàálá*) chamado de quarto branco. No meio do salão principal haverá um assentamento chamado *entoto*³⁷, em cima dele conterà alguns fundamentos e paramentos religiosos, representado o universo dentro do templo e acima mais alguns assentamentos chamados de *comunheira*³⁸, quanto ao *entoto* e a *comunheira*

cada um deles será destinado uma divindade conforme o fundamento daquela casa.

³⁶ *Ebô* - Sacrifício, expressão usada pelos candomblecista para expressar os rituais de limpeza, troca de vida, oferendas e sacrifícios para divindades.

³⁷ *Entoto* - Um pequeno buraco que fica no meio do templo, coberto por uma pedra, dentro deste buraco haverá ferramentas e fundamentos pertencentes a uma determinada divindade, que representará todo o universo daquele templo, consagrando o chão daquele templo.

³⁸ *Comunheira* - É um assentamento que fica suspenso acima do *entoto*, está ligado a alguma divindade do templo e representa o universo espiritual do templo.

Sempre que houver uma feitura, haverá uma quitanda para *eré*³⁹, montam um tabuleiro com muitas frutas, para os *eré* venderem e pegarem alguns trocadinhos, porem os convidados geralmente tentam pegar algumas frutas, que deixam os *eré* muito bravos, mas tudo não passa de uma brincadeira que todos se divertem.



No candomblé de *Ketu* não é costume fazer mesa de *Ibeji*, apesar de cultuarem *Ibeji*, os rituais que envolvem esta divindade não se assemelham ao *Orisãismo* Afro-sul.

O *á'la* só é estendido quando *Qbàlúfôn*⁴⁰ for dançar no meio do salão, e o mesmo é recolhido quando *Orisà Ógún* for dançar com *Qbàlúfôn*.

O contra-egun⁴¹ é um paramento que os adeptos do Candomblé de *Ketu*, *Angola* e o *Jeje*, usam atarracado nos braços para proteger os iniciados durante os preceitos ou rituais. O contra-egun serve também para evitar que os iniciados entrem em transe de espíritos durante certos preceitos. Salvo o

Orisãismo Afro-sul que não usar o contra-egun, pois seus rituais já são constituídos para evitar espíritos, e o culto a *Egun*⁴² é muito próximo, logo não há necessidade dos iniciados do *Orisãismo* Afro-sul serem atarracado pelo contra-egun.

³⁹ *Eré* - uma divindade, com trejeitos de criança que está ligada a divindade do iniciado, o *eré* vem para ajudar nos afazeres da casa, para ajudar a vestir a divindade e pode ficar dias ou horas em transe no iniciado. Diferente do *Asérgo* o *eré* pode vir a qualquer momento, sem que seja preciso a divindade manifesta antes.

⁴⁰ *Qbàlúfôn* - Nome da divindade que introduziu a arte da tecelagem, *Qbàlúfôn* seria um *Ikójoopó-óòsá* de *Óòsáálá*.

⁴¹ Contra-Egun - Um trançado de palha da costa, preparado com banhos e rezas, que serve para proteger os iniciados durante o preceito da feitura, ou obrigações religiosas.

⁴² *Egun* - Osso, esqueleto. A diáspora afro-brasileira refere-se ao antepassados, ou mortos, aqueles que viveram se tornam *Egun*.

É tradição desta cultura sempre que o *Bábá*⁴³ ou *Iyá*⁴⁴ rodar no santo, todos os rodantes viram ao mesmo tempo na sequência, ou seja, a divindade do sacerdote trás consequentemente as demais divindades da casa.

- O povo *Bantu* levanta uma bandeira branca do lado de fora do templo, ao lado do assentamento da divindade *Kitembu*⁴⁵, o rei desta Nação. Reza a lenda que em um tempo distante o povo *Bantu* passava por necessidades e *Kitembu* lançou uma grande bandeira branca que poderia ser vista de muito longe, este povo seguiu encontrando um campo prospero e farto, desde então nunca mais passaram necessidade, criando um costume de colher um bambu muito alto e colocar na ponta dele uma bandeira branca, para que os seguidores desta cultura passam ver de longe a bandeira de *Kitembu*.

O templo *Bantu* é muito semelhante ao templo do candomblé de Ketu, separando o quarto branco do quarto dos santos do dendê, porem no centro do salão principal haverá um buraco tampado com uma pedra branca e lisa, ali haverá fundamentos representando o universo daquele templo, igualmente haverá uma comunheira que representa o mundo espiritual, se joga e ver a quem pertence o chão e a comunheira, que nem sempre é da divindade do *Tata*⁴⁶ ou *Mametu*⁴⁷ donos da casa, podendo ser um antepassado que está presente na herança dele.

Sempre que houver uma feitura, haverá uma quitanda para *vanji*⁴⁸, com muitas frutas, e brincadeiras. Idem ao ritual de *Ketu*.

O *vanji* está presente na Angola, e tem a mesma função que o *eré* do Ketu, em ambas Nações ele permanece no transe, assim o médium descansa e o *eré* trabalha no seu lugar. A presença do *vanji* muitas vezes facilita vestir a divindade, ao mesmo tempo em que é possível ensinar o *eré* dançar para os rituais de sala.

Não é tradição deste povo cultuar *Egun*, afinal *Egun* é uma divindade de origem *Yorúbá*, pertence a outro povo, por isso não encontraremos culto a *Egun* numa casa *Bantu*, o que não quer dizer que eles não tenham culto aos antepassados, apenas o ritual é diferente dos *Yorúbá*.

⁴³ *Bábá* – Pai , termo usado para de santo

⁴⁴ *Iyá* – Mãe, termo usado para mãe de santo

⁴⁵ *Kitembu* – Divindade *Bantu* que está ligada ao tempo existencial.

⁴⁶ *Tata* - Pai

⁴⁷ *Mametu* - Mãe

⁴⁸ *Vanji* – É uma divindade de origem do Candomblé Angoleiro, com trejeitos de criança que está ligada a divindade do iniciado, o *vanji* vem para ajudar nos afazeres da casa, para ajudar a vestir a divindade e pode ficar dias ou horas em transe no iniciado. Diferente do *Aségó* o *eré* pode vir a qualquer momento, sem que seja preciso a divindade manifestas antes [fonte Matãmoride]

Numa casa de *Angola* sempre que o *Tata*⁴⁹ ou *Mameto*⁵⁰ rode a sua divindade, todos os rodantes viram ao mesmo tempo na sequência, idêntico ao candomblé de *Ketu*.

- O povo templo *Jeje* possui um poço que tudo gira em torno dele, acreditam que a água deste poço é sagrada e por isso todos os rituais deverão conter água deste poço. Outra característica e vemos um arco-íris ou serpente pintada fachada dos templos, representado o *vodun Bessem*, o rei desta Nação.

O templo *Jeje* será muito semelhante aos demais templos, tanto no assentamento em forma de buraco tampado com uma pedra branca no meio do salão principal, seus rituais de sala também são muito semelhante, mudando os fundamentos de feitura e os assentamentos das divindade cultuadas.

A Hierarquia das Nações

- Hierarquia do *Orixãismo Afro-sul*

1. *Iyá / Bábá*: Significado das palavras *iyá* do *Yorùbá* significa mãe, *bábá* significa pai.
2. *Bábálòrìṣà* – Sacerdote ou Pai de Santo. É o posto mais elevado na tradição afro-brasileira.
3. *Iyálòrìṣà* – Sacerdotisa ou Mãe de Santo. É o posto mais elevado na tradição afro-brasileira.
4. *Alágbé*⁵¹ – O responsável pelo toque e pelo ritual de sala, o *Alágbé* é um cargo tão importante quanto o cargo de *Ogã*, a diferente entre os *Ogã* e o *Alágbé* é que os *Ogã* não podem em momento algum virar no santo ou em alguma entidade.
5. *Iyákekerè* (mulher): Mãe Pequena, segunda sacerdotisa do *àṣe* ou da comunidade. Sempre pronta a ajudar e ensinar a todos iniciados.
6. *Bábákekerè* (homem): Pai pequeno, segundo sacerdote do *àṣe* ou da comunidade. Sempre pronto a ajudar e ensinar a todos iniciados.

⁴⁹ *Tata* – Pai, termo usado para de santo

⁵⁰ *Mameto* – Mãe, termo usado para mãe de santo

⁵¹ *Alágbé* – Palavra *Yorùbá*, que significa pedinte, provavelmente esta palavra tenha nascido pela forma que os *alágbé* trabalhavam, assim que acabava o toque era estendido um ala no meio do salão e ele entoava uma cantiga para que os presentes e visitantes pudessem jogar algumas notas pagando o seu trabalho, uma tradição que se perdeu.

- Hierarquia no Candomblé Ketu

1. *Iyá / Bábá*: significado das palavras *iyá* do *Yorùbá* significa mãe, *babá* significa pai.
2. *Iyálórìsà / Bábàlórìsà*: Mãe ou Pai de Santo. É o posto mais elevado na tradição afro-brasileira.
3. *Iyáégbè / Bábáégbè*: É a segunda pessoa do *àsè*. Conselheira, responsável pela manutenção da Ordem, Tradição e Hierarquia.
4. *Iyálàsè* (mulher): Mãe do *àsè*, a que distribui o *àsè* e cuida dos objetos ritual.
5. *Iyákekerè* (mulher): Mãe Pequena, segunda sacerdotisa do *àsè* ou da comunidade. Sempre pronta a ajudar e ensinar a todos iniciados.
6. *Bábákekerè* (homem): Pai pequeno, segundo sacerdote do *àsè* ou da comunidade. Sempre pronto a ajudar e ensinar a todos iniciados.
7. *Ojubonã* ou *Agibonã*: É a mãe criadeira, supervisiona e ajuda na iniciação.
8. *Iyámorò*: Responsável pelo *Ipadè* de *Èsù*.
9. *Iyáèfun / Bábáèfun*: Responsável pela pintura branca das *iyawó*.
10. *Iyádagan* e *Ossidagá*: Auxiliam a *Iyámorò*.
11. *Iyábassè*: (mulher): Responsável no preparo dos alimentos sagrados as comidas-de-santo.
12. *Iyárubá*: Carrega a esteira para o iniciando.
13. *Aiyaba Ewé*: Responsável em determinados atos e obrigações de "cantar ["] folhas.
14. *Aiybá*: Bate o *èjè*⁵² nas obrigações.
15. *Ológún*: Cargo masculino. Despacha os *ébo* das obrigações, preferencialmente os filhos de *Ògún*, depois *Odé* e *Obaluwaiyé*.
16. *Oloyá*: Cargo feminino. Despacha os *ébo* das obrigações, na falta de *Ológún*. São filhas de *Oyá*.
17. *Iyálabaké*: Responsável pela alimentação do iniciado, enquanto o mesmo se encontrar recolhido.
18. *Iyátojuomó*: Responsável pelas crianças do *àsè*.
19. *Pejigan*: O responsável pelos *àsè* da casa, do terreiro. Primeiro *Oga* na hierarquia.
20. *Asógún*: Responsável pelos sacrifícios. Trabalha em conjunto com *Iyálórìsà / Bábàlórìsà*, iniciados e *Oga*. Não pode errar. (não entram em transe).
21. *Alágbè*: Responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos musicais sagrados. (não entram em transe). Nos ciclos de festas é obrigado a se levantar de madrugada para que faça a alvorada. Se uma autoridade de outro *àsè* chegar ao terreiro, o *Alágbè* tem de lhe prestar as devidas homenagens. No Candomblé Ketu, os atabaques são chamados de *Ilu*. Há também outros *Oga* como *Gaipé*, *Runsó*, *Gaitó*, *Arrow*, *Arrantodé*, etc.
22. *Ogá*: Tocadores de atabaques (não entram em transe).
23. *Egbómi*: São pessoas que já cumpriram o período de sete anos da iniciação (significado: meu irmão mais velho).

⁵² *Èjè* - Sangue

24. *Ajoié* ou *Èkejì*: Camareira do *òrisà* (não entram em transe). Na Casa Branca do Engenho Velho, as *ajoié* são chamadas de *Èkejì*. No Terreiro do *Gantóis*, de "*Iyárobá*" e na Angola, é chamada de "*makota de angúzo*", "*Èkejì*" é nome de origem *Jeje*, que se popularizou e é conhecido em todas as casas de Candomblé do Brasil. (em edição)

25. *iyawó*: filho-de-santo (que já foi iniciado entra em transe com o *òrisà*).

26. *Abia*: Novato. É considerada *abia* toda pessoa que entra para a religião após ter passado pelo ritual de lavagem de contas e o *borí*. Poderá ser iniciada ou não, vai depender do *òrisà* pedir a iniciação.

- Hierarquia do candomblé *Bantu*

1. *Tata Nkisi* - Zelador.

2. *Mametu Nkisi* - Zeladora.

3. *Tata Ndenge* - pai pequeno.

4. *Mametu Ndenge* - Mãe pequena(há quem chame de *Kota Tororó*, mas não há nenhuma comprovação em dicionário, origem desconhecida).

5. *Tata NGanga Lumbido* - *Oga*, guardião das chaves da casa.

6. *Kambondos* - *Oga*.

7. *Kambondos Kisaba* ou *Tata Kisaba* - *Oga* responsável pelas folhas.

8. *Tata Kivanda* - *Oga* responsável pelas matanças, pelos sacrifícios animais (mesmo que *asògún*).

9. *Tata Muloji* - *Oga* preparador dos encantamentos com as folhas e cabaças.

10. *Tata Mavambu* - *Oga* ou filho de santo que cuida da casa de *Aluvaia* (de preferência homem, pois mulher não deve cuidar porque mulher menstrua e só deve mexer depois da menopausa, quando não menstruar mais, portanto, pelo certo as zeladoras devem ter um homem para cuidar desta parte, mas que seja pessoa de alta confiança).

11. *Mametu Mukamba* - Cozinheira da casa, que por sua vez, deve de preferencia ser uma senhora de idade e que não menstrue mais.

12. *Mametu Ndemburo* - Mãe criadeira da casa(*ndemburo* = *runko*).

13. *Kota* ou *Maganga* - Em outras Nações *Èkejì* (todos os mais velhos que já passaram de 7 anos, mesmo sem dar obrigação, ou que estão presentes na casa, também são chamados de *Kota*).

14. *Tata Nganga Muzambù* - pessoa preparada para jogar búzios.

15. *Kutala* - Herdeiro da casa.

16. *Mona Nkisi* - Filho de santo.

17. *Mona Muhatu Wá Nkisi* - Filha de santo (mulher).

18. *Mona Diala Wá Nkisi* - Filho de santo(homem).

19. *Tata Numbi* - Não rodante que trata dos mortos.

- Hierarquia do candomblé Jeje

1. *Doté* é o sacerdote, cargo ilustre do filho de *Sogbô*

2. *Doné* é a sacerdotisa, cargo feminino, esse título é usado no Terreiro do *Bogum* onde também são usados os títulos *Gaiaku* e *Mejitó*. similar à *Iyálòrisà*

Os *vodunsis* da *gbí* de Dan são chamados de *Megitó*, enquanto que da *gbí* de *Kaviungo*, do sexo masculino, são chamados de *Doté*; e do sexo feminino, de *Doné*.

3. Os cargos de *Oga* na Nação *Jeje* são assim classificados:

Pejigan que é o primeiro Ogan da casa *Jeje*. A palavra *Pejigan* quer dizer "Senhor que zela pelo altar sagrado", porque *Peji* = "altar sagrado" e *Gan* = "senhor". O segundo é o *Runtó* que é o tocador do atabaque *Run*, porque na verdade os atabaques *Run*, *Runpi* e *Le* são *Jeje*.

O tabu da ocupação e o iniciado rodante nas demais Nações.

Òrìsàismo Afro-sul é a Nação que estruturou-se sob o tabu da ocupação, para entender o mecanismos da ocupação é preciso saber que o iniciado não deve saber que ele entra em transe da divindade ao qual foi iniciado. Para as demais Nações o indivíduo entra em transe, e é chamado de rodante, ou o indivíduo não entra em transe, neste caso são aqueles que recebem cargos e funções dentro da casa que os demais rodantes não recebem, porem jamais poderão chegar ao sacerdócio, pois o sistema do Candomblé exige que o sacerdote seja um rodante para que receba o cargo de sacerdote.

Já a cultura *Òrìsàismo* Afro-sul é diferente, a sua estrutura segue sem a exigência do indivíduo ser rodante para receber o cargo de sacerdote, simplificando o cargos *Iyá*, *Bàbá*, *Bàbálòrisà* e *Iyálòrisà*, isentando a necessidade do indivíduo ter que entrar em transe quando for iniciar, podendo se tornar um sacerdote, mesmo que o seu *òrisà* não manifeste nunca, diferente das demais Nações que necessitam da manifestação da divindade do sacerdote (Nações) ou da entidade (Umbanda).

Entendendo o sistema da iniciação e do sacerdócio desta cultura, começaremos a explicar o tabu da ocupação, o sistema da Nação *Òrìsàista* Afro-sul é manter em segredo a manifestação da [das] divindades daqueles que passem pelo transe, em momento algum deve ser revelado, comentado ou insinuado que exista a manifestação da divindade, a base religiosa do *Òrìsàista* Afro-sul foi estrutura em cima do tabu da ocupação, por isso qualquer divindade que nasça nesta Nação já vem sabendo que seus indivíduos não podem em momento algum saber que se ocupam e respeitam e zelam deste tabu.

A ocupação deve tomar toda a consciência daquele iniciado, cabe ao sacerdote instruir a divindade para que deixe pequenos flashes na cabeça do iniciado, pois houve muitos casos, que os indivíduos iam para os toques, a divindade manifestava e o indivíduo acabava sem saber o que acontecia, criando assim, um grave problema de consciência, pois eles começavam a pensar o motivo de não ter visto metade da festa e até rituais praticados durante o momento da ocupação, por isso, é costume de alguns sacerdotes orientar as divindades para que ajudem a montar o filho lembrando dos fios de contas, relógios, brincos e joias que sejam retiradas durante a ocupação, além claro de lembra de alguns momentos importante que fazem parte do ritual.

Provavelmente o Tabu da ocupação fora criado para que os indivíduos não soubessem que seus *Òrìṣà* participaram dos rituais secretos que são feitos em determinados momentos para testar e confirmar as divindades desta Nação.

Observando a estrutura religiosa em torno do tabu da ocupação, poderemos imaginar que o dia em que o tabu da ocupação cair, esta Nação poderá vir a se desfazer, pois os poucos que anunciaram saber que se ocupam, os adeptos ficavam desconfiados e evitavam proximidade.

Porem o maior problema estará em compreender que a estrutura ritualística e hierárquica do *Òrìṣàismo* Afro-sul, neste sistema não ha cargos para quem não se ocupa e se o tabu da ocupação for quebrado, deverá então rever e adaptar cargos para aqueles que não se ocupam ou então rever toda a estrutura desta Nação, acabando assim com a originalidade deste povo.

Mas vale lembrar que, temos exemplos de sacerdotes de *Ifá* que não podem ser rodantes e recebem cargos, diferente do candomblé em que os rodantes recebem os direitos de sacerdote e os não rodantes apenas cargos, jamais chegando ao sacerdócio.



- No candomblé de *Ketu*, *Angola* e *Jeje* não encontramos o tabu da ocupação, afinal seus rituais giram em torno da feitura com a divindade em transe.

No entanto, há informações que nem sempre foi assim, e que no passado também houve o tabu da ocupação no candomblé, conforme relato de Luiz L. Marins, que ouviu do Ogan Gilberto de *Êsù* (informação pessoal):

"Após o Congresso Internacional de Antropologia na USP (em 2010), houve um jantar na casa de candomblé do Gilberto de Êsù e Mãe Wanda, no bairro do Limão em São Paulo. Estavam presentes Aulo Barretti, Gilberto de Êsù, Vagner Gonçalves, Lorand Matory, Peter Fry, vários alunos, e eu. Durante a refeição, Gilberto de Exu, ao saber que eu era do Batuque, falamos sobre os rituais e conceitos Òrisãismo Afro-sul, incluindo o tabu da ocupação, que para muitos candomblecistas é um tabu difícil de compreender. Foi neste momento em que Gilberto de Êsù revelou que Mãe Stella de Oxossi havia lhe dito que, antigamente, quando ela era mocinha, no candomblé também não se podia saber que virara com santo. Sabiam, mas não se comentava."

Rituais e feitura

- O *Òrisãismo* Afro-sul possui os seguintes rituais

Oribibò - O primeiro ritual de iniciação Afro-sul, que significa dar de comer à cabeça e *orí*.

Èbòrí - Ritual para alimentar *orí*, deve ser praticado para que *orí*³³ traga bons caminhos e prosperidade, sempre antecede e feitura.

Feitura - A feitura do *Òrisãismo* Afro-sul possui um sistema diferente carregando por herança a ancestralidade dos *Òrisã*, dispensa a raspagem e os fundamentos que a seguem. [A descendência do *òrisã* e sua sobrevivência na iniciação no Batuque. Por Rudinei Borba e Erick Wolff, pág 06]

Arissun - Ritual fúnebre, para desfazer as obrigações e fundamentos do iniciado e introduzir no *Igbalé*³⁴, o culto aos ancestrais.

³³ *Orí* - Significa cabeça, porem os *Yorùbá* convencionaram, que *orí* ligado ao *Èbòrí* é abstrato, não devemos considera que *orí* seja apenas a cabeça física, para isso, é preciso entender que *orí* está ligado à tudo que está no *òrun*.

³⁴ *Igbalé* - Local sagrado destinado ao culto aos ancestrais.

Candomblé de *Ketu*

Ebori – Ritual para alimentar *orí*, praticamente igual ao ritual do *Òrigáismo* Afro-sul.

Feitura – A feitura de *Ketu* é feita através da *Katulagem*⁵⁵, *Raspagem*⁵⁶ e *Adôṣù*⁵⁷. A iniciação depende do toque de bolar⁵⁸ para que o iniciado seja recolhido.

Aseṣe – Ritual fúnebre, para desfazer as obrigações e fundamentos do iniciado.

Candomblé de *Angola*

kudia mutue – Ritual que fortalece a cabeça e antecede a feitura.

Feitura – A feitura de Angola é feita através da *Katulagem*, *Raspagem* e *Adôṣù*.

Aseṣe – Ritual fúnebre, para desfazer as obrigações e fundamentos do iniciado.

Candomblé de *Jeje*

Feitura – A feitura de Ketu através da *Katulagem*, *Raspagem* e *Adôṣù*.

Sirrun – Ritual fúnebre, para desfazer as obrigações e fundamentos do iniciado.

Nota – A *Katulagem*, *raspagem* e o *Adôṣù* são rituais praticados para o iniciado, afinal a divindade não precisa ser feita, quem precisa passar pela feitura ou restabelecer a sua ancestralidade é o iniciado.

Para que o indivíduo seja feito, ele precisa entrar em transe, para passar por rituais e iniciações e cumprir todas as etapas da feitura. Desta forma sem entrar em transe não há raspagem e não há *Adôṣù*, por fim, não há feitura.

⁵⁵ *Katulagem* – Retirada de um pequeno tufo de cabelo.

⁵⁶ *Raspagem* – Ritual de iniciação pertencente ao Candomblé, que raspam todo o cabelo do iniciado com uma navalha.

⁵⁷ *Adôṣù* ou *òṣù* – Tufo longo de cabelos deixados na cabeça, após ter sido raspada, da forma como é feito pelos sacerdotes de *Sàngô*. Nos candomblés do Brasil, é representado por uma pequena massa cônica feita dos ingredientes utilizados no ritual de iniciação e colocado no alto da cabeça da pessoa, em cima de um pequeno corte denominado *gbêrê*.

⁵⁸ *Bolar* – Cair, ou entrar em transe.

Logo o sabemos que o que faz a divindade virar e manifestar não é a raspagem, não é a feitura, não é o *Adosu*, nem o *éjê*, afinal para a feitura no candomblé, a divindade precisa estar presente e o indivíduo em transe, sendo assim a iniciação legítima a ligação do indivíduo com a sua ancestralidade diante dos fundamentos daquela Nação, seguindo os conceitos e rituais estipulados pela Diáspora religiosa, desde que sigam os conceitos, rituais, cultura, idioma, costumes e tradições de uma determinada Nação matriz.

O *Adôgù* é outro exemplo, notamos claramente na feitura do candomblé, tendo origem no *Alááfinato*, conforme segue a tradição *Yorùbá*.

A *Iya-Naso* está ligada ao culto de *Ṣàngó* e geralmente é responsável por tudo ligado ao seu culto.

É de sua responsabilidade a capela privada do rei, para o culto a *Ṣàngó*, todos os privilégios decorrentes ao cargo são dela.

A *Iya-fin-Ikù* é a segunda no comando, assistente da *Iya-Naso*. Ela está ligada ao rei através do "*Adosu Ṣàngó*", devota do rei para os mistérios de *Ṣàngó*, como todos os adoradores de *Ṣàngó*, cedem um de seus filhos para trabalharem para o Deus, ela assume um lugar privilegiado ao lado do rei, podendo ir e vir livremente, além de comer qualquer coisa sem que seja cobrado dos vendedores. (o grifo é nosso) [The history of the *Yorubas*, pag 64]



Os devotos do grande *Aláááfin*, ou seja, os seguidores carregam um tufo de cabelo no topo da cabeça, chamado *ògù*, ou conhecido por *Adôgù*, identificando assim os seguidores do grande *Aláááfin* dos demais, conforme podemos ver na imagem.

Sabe-se que o *Adôgù* é um símbolo de submissão ao grande *Aláááfin*, e é repetido nos rituais de adoração a *Ṣàngó*, anunciando obediência à linhagem dos *Aláááfin* de *Ọyọ*. O candomblé em geral adotou o símbolo do *Adôgù* na sua feitura e é o seu maior orgulho e fundamento.

Costumes

- O *Orisãismo* Afro-sul não veste as divindades cultuadas nos rituais de sala, seria praticamente impossível vestir as divindades cultuadas nesta Nação, pelo motivo do tabu da ocupação, porque teria que esconder muitas roupas e os iniciados poderiam chegar a desconfiar, por isso, nos rituais de sala não haver condições para vestir as divindades.

Salvo no *ãse* de fala ou quando o *Orisã* vai para a sua casa, neste momento, poucas divindades recebem o *ãse* da fala, por isso, há como vestir e paramentar, com as ferramentas e vestes caracterizando as divindades. Antigamente era costume do povo *Orisãista* Afro-sul confeccionar uma capa, bordando e aplicando búzios e pedrarias para enfeitar, tal capa ficaria guardada na casa com um filho de segurança onde o iniciado não tivesse acesso a ela, ou iria para a casa do sacerdote para ser guardada.

O *Ãse* de fala é um dos rituais mais importante para a divindade dentro do ritual *Orisãista* Afro-sul, é o momento que a divindade passa por provas e testes secretos, ministrado pelo seu *Bábá* ou *Iyá* diante de alguns seletos convidados, testemunhando e algumas vezes ajudando na provas. Este ritual secreto é para a liberação da fala da divindade que até então poderia dar apenas o seu *Gbehun*, a partir do *ãse* de fala a divindade poderá tirar cantigas, poderá pedir algo ou até mesmo tirar um *Oríkí*⁵⁹ ou *Itan*⁶⁰.

O iniciado não muda o seu nome, apenas passa a ser conhecido pelo primeiro nome e a divindade ao qual foi iniciada, sem necessidade de usar o (Ti) ou (T'), assim é o costume *Yorúbá*, exemplo – Erick *Òògàálá*

O sistema oracular é baseado no *Orisã*, utilizando oito ou dezesseis búzios e o fio de contas chamado Imperial, em momento algum há necessidade de utilizar os *Odù* ou sistema de *Ifá* para o jogo.

- Candomblé de Ketu, possui uma rica tradição em vestir e paramentar as divindades cultuadas em seus rituais e cerimônias.

As divindades da Nação Ketu possuem um *Gbehun* chamado de *uilá*, muito diferente do *Orisãismo* Afro-sul, nesta Nação a divindade, anuncia o seu *Orúkg*⁶¹, e o seu *Orúkg-Èfe*⁶².

⁵⁹ *Oríkí* – nome de família, saudação ou homenagem.

⁶⁰ *Itan* – história, narração, conto

⁶¹ *Orúkg* - Nome

As divindades de *Ketu* não passam pelo *àse* de fala, porem depois de alguns anos são liberados para poder cochichar no ouvido da *Èkejì* ou do *Ogã*, porem é muito difícil ver uma divindade falando abertamente numa sala, a não ser na hora de dar o seu *Orúko*.

No caso do nome e tratamento do iniciado, o candomblé de *Ketu* usa a mesma estrutura do *Òrìṣàismo* Afro-sul, que o indivíduo usa seu próprio nome agregado ao *Òrìṣà*.

O oráculo de *Ketu* usa o sistema de *Ifá* para jogar baseado nos *Odù*, durante o jogo o sacerdote que consulta o oráculo pode recitar os versos de *Ifá* ou simplesmente narrar o que o jogo determina. Este sistema necessita da amarração do jogo, ou seja, determinar se o jogo está dando *Ire*⁶³ o *Èbí*⁶⁴, somente a partir deste momento que é possível determinar se está anunciando boa ou má sorte.

- Candomblé de Angola, veste e paramenta suas divindades muito semelhante ao ritual do *Ketu*, mudando apenas as cores das divindades que são diferentes.

As divindades da Nação Angola possuem um *Gbehun*, semelhante a *Ketu*, nesta Nação a divindade, anuncia uma corruptela do seu *Orúko*⁶⁵, com parte do seu *Orúko-Èfè*⁶⁶, que chama-se *Uila*.

As divindades da Angola, não possuem *àse* de fala, porem com o tempo elas podem cochichar no ouvido de sua *Kota*.

O iniciado desta Nação recebe um novo nome, chamado *Dijina*⁶⁷, a composição do nome é feita com fragmentos dos nomes da divindade do iniciado, criando um novo nome, como exemplo - *Matâmoride* (Eduardo Brasil).

O oráculo da Nação de *Angola* se chama *Ngombo*, não usam *Odù* ou o sistema de *Ifá*.

⁶² *Orúko-Èfè* - Sobrenome

⁶³ *Ire* - Positivo, boa sorte ou favorável.

⁶⁴ *Èbí* - Negativo, má sorte ou desfavorável

⁶⁵ *Orúko* - Nome

⁶⁶ *Orúko-Èfè* - Sobrenome

⁶⁷ *Dijina* - Novo nome dado ao iniciado.

- Candomblé de Jeje, veste suas divindades muito semelhante aos demais candomblés, mudando alguns paramentos e cores.

Não há *aje* de fala, suas divindades podem se comunicar, mas não é costume ver, da mesma forma que ocorre com os demais candomblés.

Os iniciados são conhecidos pelo cargo e pelo nome, exemplo – *Doté* Guilherme.

Na Umbanda as entidades chegam falando livremente, passam pelo desenvolvimento e assentamentos pertinentes a esta Nação.

Não há *Dijina*, não há *Orúko*, por que o culto é voltado para entidade e ancestralidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho foi possível criar uma base para estudos e conhecimento da diversidade nas Nações cultuadas no Brasil, para que os adeptos, sacerdotisas e sacerdotes da cultura *Orisàista* Afro-sul, possam entender a formação e estruturação de uma Nação e percebam que a estruturação da Nação *Orisàista* Afro-sul (Batuque), quebrando o mito da existência e divisão de Nações dentro desta estrutura. Caso houvesse a possibilidade da existência de Nações dentro do *Orisàismo* Afro-sul, o Batuque deixaria de existir como Nação, e seria considerado uma religião como o Candomblé, desta forma cada uma destas Nações seriam independentes dentro dos moldes Afro-sul.

O *Orisàismo* Afro-sul (Batuque) responde como uma única Nação e se destaca em grupos, estes grupos recebem os nomes das Nações de origem das divindades dos fundadores, o que não quer dizer que tais nomes identifiquem Nações individuais dentro do *Orisàismo* Afro-sul.

Observe;

Ijesa – O fundador desta raiz foi o *Bàbá* Paulino de *Òṣàálá Óbokún Efan* (*Óbokún* foi o fundador de *Ijesa*).

Ọ̀yó – O fundadora desta raiz foi a *Iyá Cezária*, princesa Africana, iniciada para *Sàngó*⁶⁸ (o culto a *Sàngó* é centralizado no reino de *Ọ̀yó*).

Jeje – O fundador desta raiz foi o Príncipe Custódio de Xapanã (*Xapanã* nasceu em *Empe*, no território *Tapa*, também chamado *Nupe*, Xapanã é um vodun cultuado entre os *Yorúbá*).

Kàmbína – O fundador desta raiz foi o *Bàbá Waldemar Antônio dos Santos* de *Sàngó* (Outro culto centralizado em *Ọ̀yó*, com possibilidade de *kàmbína* ser um *oriki*⁶⁹ a *Ọ̀kàmbí*⁷⁰).

Idioma das Nações

Cada Nação possui um idioma, neste idioma podemos notar que mudam os cargos, cantigas, *Itàn* e saudações, um dos principais elementos para começarmos a perceber que existe uma diferença linguística e cultural entre as Nações.

Já no culto *Òrìṣàista Afro-sul*, observamos que as *ebí Jeje*, *Ọ̀yó*, *Kàmbína* e *Ijega*, são consideradas Nações, porem todas as quatro *ebí* tiram as mesmas cantigas nos templos e rituais, oriundo do mesmo idioma, mudando muito pouco de uma para a outra, sendo que há uma variação mínima de cantigas, o que seria impossível considerar um ritual diferente e ou uma Nação independente.

O Idioma das cantigas entoadas na cultura *Òrìṣàista Afro-sul*, sofreu adulteração e uma mudança notória, podemos notar a diferença na forma de cada *Alágbè* cantar, mudando uma ou outra palavra. Lembrando a falta da letra GB nas cantigas entoadas, o que dificulta a tradução destas cantigas.

Desta forma já eliminamos o fator linguístico para determinar a existência uma Nação dentro do *Òrìṣàismo Afro-sul*.

⁶⁸ Nota – Informação publicada na revista *Ọ̀lórún*, A descendência do *òrìṣà* e sua sobrevivência no Batuque, edição 11, Dez de 2012, pág 38.

⁶⁹ *Oríki* – Título, nome, Louvação que ressalta fatos de uma sociedade, de uma família ou de uma pessoa.

⁷⁰ *Ọ̀kàmbí* – Nome de um filho de *Odúduwà*

As cores das divindades cultuadas

Observamos que de uma Nação para outra há variação nas cores das divindades, da mesma forma que mudam a origem e as próprias divindades em cada Nação, sabendo que existe *Orisã*, *nkisi* e *Vodun*. Porem nas *gbí* do *Orisãismo* Afro-sul as cores podem mudar, conforme foi determinado pelo fundador da *ebi*, porem não chega a ser um fator determinante que possa anunciar uma nova Nação dentro do *Orisãista* Afro-sul, afinal estamos falando das mesmas divindades cultuadas entre todas as quatro *gbí*, sendo assim é um culto voltado à *Orisã*, ainda assim é possível considerar ser uma única Nação com alguma diferença entre a cor das contas, roupas e paramentos entre algumas divindades cultuadas no *Orisãismo* Afro-sul.

Considerando que as divindades são as mesmas nas quatro *gbí*, criando um paralelo familiar, sem levar em conta a ordem de *irúnmoḷḗ*⁷¹. Sabe-se que existe a possibilidade da existência de uma ou mais divindades que não são cultuadas entre as quatro *gbí*, porem devemos primeiro analisar se esta divindades estão agrupadas numa divindade maior, como o *Legba*⁷² que está agrupado no *Bara*, desta forma o *Legba* é um *Ikóḡḡḡ-òòṣṣṣ*, não criando uma divindade separada nesta *gbí*. Por isso é possível citar a *Zina*, que não se enquadra no *Ikóḡḡḡ-òòṣṣṣ* ou *Iran-òòṣṣṣ* das divindades destas comunidades.



⁷¹ *Irúnmoḷḗ* - Espíritos, divindades.

⁷² *Legba* - Uma divindade *Vodun*, semelhante ao *Bara*, que foi adequado ao culto Afro-sul para tomar conta dos templos.

Este gráfico demonstra as divindades cultuadas no sistema *Òrìṣàismo Afro-sul*.

<i>Kàmbina</i>	<i>Jeje</i>	<i>Ijesa</i>	<i>Oyo</i>
<i>Olórun</i>	<i>Olórun</i>	<i>Olórun</i>	<i>Olórun</i>
<i>Bara</i>	<i>Bara</i>	<i>Bara</i>	<i>Bara</i>
<i>Ògún</i>	<i>Ògún</i>	<i>Ògún</i>	<i>Ògún</i>
<i>Qya</i>	<i>Qya</i>	<i>Qya</i>	<i>Qya</i>
<i>Sàngó</i>	<i>Sàngó</i>	<i>Sàngó</i>	<i>Sàngó</i>
<i>Ibeji</i>	<i>Ibeji</i>	<i>Ibeji</i>	<i>Ibeji</i>
<i>Odé</i>	<i>Odé</i>	<i>Odé</i>	<i>Odé</i>
<i>Otim</i>	<i>Otim</i>	<i>Otim</i>	<i>Otim</i>
<i>Obá</i>	<i>Obá</i>	<i>Obá</i>	<i>Obá</i>
<i>Ósanyin</i>	<i>Ósanyin</i>	<i>Ósanyin</i>	<i>Ósanyin</i>
<i>Xapanã</i>	<i>Xapanã</i>	<i>Xapanã</i>	<i>Xapanã</i>
<i>Òsún</i>	<i>Òsún</i>	<i>Òsún</i>	<i>Òsún</i>
<i>Yemojá</i>	<i>Yemojá</i>	<i>Yemojá</i>	<i>Yemojá</i>
<i>Òòṣàálá</i>	<i>Òòṣàálá</i>	<i>Òòṣàálá</i>	<i>Òòṣàálá</i>
<i>Egun</i>	<i>Egun</i>	<i>Egun</i>	<i>Egun</i>
<i>Extras</i>			
<i>Zina⁷³</i>			

⁷³ *Zina* – Companheira do *Legba*, cultuada nos Templos do *Òrìṣàismo Afro-sul*, *gbí Kàmbina*.

Cultura

Entre Ketu e o *Orisãismo* Afro-sul poderemos encontrar alguma semelhança, até mesmo usar os mesmos *Itàn* e conceitos religiosos, no entanto, os rituais e procedimentos criam fatores demonstram serem Nações diferentes, isso ocorre, por que os fundamentos, rituais e tradições que formaram estas Nações vieram de fontes distintas. Apesar destas Nações terem nascidos na Matriz *Yorùbá*, cultuarem praticamente as mesmas divindades, mesmo assim são diferentes. A Nação de Ketu e o *Orisãismo* Afro-sul são um bom exemplo de Nação e estrutura religiosa, diferente das *ebi* do *Orisãismo* Afro-sul, que utilizam as mesmas divindades, as mesmas cantigas e são muito semelhantes entre si.

Já as demais Nações (*Jeje* e *Angola*) usam cantigas, idiomas, lendas e rituais diferentes, o que faz com que sejam diferentes das Nações *Yorùbá* (*Ketu* e o *Orisãismo* Afro-sul).

Nota – já falamos que as quatro *ebi* seguem praticamente os mesmos rituais, com exceção de uma ou outra, que muda como no caso da *Kàmbína* que segue a tradição do *Alááfinato*, criando uma tradição em cima de *Sàngó* e os rituais de *Egun*. Nesta *ebi* acredita-se que *Kamuka*⁷⁴ é o patrono, vinculando a ligação de *Sàngó* com o ritual de *Egun*, como é muito grande na África, logo o culto a *Egun* é um ritual original vinculado a *Sàngó*. Por isso somente a raiz *Kàmbína* que caso haja falecimento de algum ente do templo ou *ebi* religiosa, não perde os rituais, tendo que parar e despachar tudo o que foi oferecido às divindades, isso se dá pelo fator do *Kamuka*, o [R]ei desta *ebi* poder administrar dois rituais ao mesmo tempo. As demais *Ebi* do *Orisãismo* Afro-sul (*Ijesa*, *Jeje* e *Oyó*) precisam parar seus rituais de despachar tudo.

Observação - Até mesmo as casas de Candomblé, quando há o falecimento de algum ente, ele recolhem e suspendem tudo, para executor o ritual fúnebre, perdendo tudo o que foi feito. Só retornam ao ritual de iniciação ou oferendas quando o ritual fúnebre e o seu resguardo terminarem.

⁷⁴ *Kamuka* – O rei da Nação *Kàmbína*, seu culto é fundamentado no culto do *Aláááfin Gbaru*



Rituais de iniciação

No *Orisãismo* Afro-sul, as feituas são idênticas, ou, pelo menos parecidas, considerando que a maioria das casas uniram o *Bgri* com a Feitura, com exceção de algumas casas principalmente as de *Oyú* e algumas de *Kâmbina*, separaram os rituais, considerando que *Ori* e *Orisã* devem ser cultuados separadamente, e os *Bgri* devem ser para *Ori* comendo separadamente, baseado no conceito *Yorùbá* a matriz do ritual do *Bgri*.

Diante das considerações e demonstrações de diversas Nações, podemos ter uma base do que é uma Nação e como ela é formada, sabe-se que a Nação *Orisãista* Afro-sul possui subdivisões baseadas em famílias que seguem algumas tradições diferentes, porém ao observar o idioma, as cantigas, os rituais, a cultura e as divindades cultuadas em cada uma delas não cria a possibilidade do surgimento de Nações dentro da mesma como ocorre com as Nações candomblecistas (*ketu*, *Jeje* ou *Angola*).

E para quem possa imaginar que a *Kâmbina* venha a ser *Bantu*, seria preciso apresentar conceitos, idioma, cultura, divindades e rituais pertencentes a esta cultura, conforme é o candomblé de *Angola*, só assim poderíamos ter a formação de uma Nação *Bantu* no *Orisãismo* Afro-sul, porém seria preciso quebrar os vínculos do *Orisãismo* Afro-sul, afinal assim que partir para a *Angola* os conceitos de *Ori*, *Orisã*, *itãn* e até mesmo o idioma não farão mais parte da cultura Afro-sul.

E assim decorre com o *Jeje*, que por mais que tente transformar o *Jeje* Afro-sul na *Jeje Fon*, seria preciso mudar tudo, abandonar os rituais praticados pelo *Orisãismo* Afro-sul, e partir para uma nova Nação, afinal o *Orisãismo* Afro-sul não é nem nunca foi candomblecista, os rituais do *Orisãismo* Afro-sul são totalmente diferentes do Candomblé, até mesmo as divindades *Vodun* cultuadas no *Orisãismo* Afro-sul, já vieram introduzidas pelos *Yorùbá*, deixando de lado os rituais de origem e aceitando serem cultuados como *Orisã*.



BIBLIOGRAFIA

COI, Alessandro. A Origem da Umbanda – Revista *Olorun*, edição 10 Out, 2012.
[http://olorun.com.br/site1/maqazines.html?view=maqazine_more&id=28&b=1]

PRANDI Reginaldo. A Origem do Jejes
[<http://iledeobokum.blogspot.com.br/2012/09/a-origem-do-jejes-reginaldo-prandi.html>]

BENISTE, José. Dicionário *Yorubá* Português. Editora Bestrand Brasil, 2011.

BORBA, Rudi & WOLFF, Erick. A descendência do òrìṣà e sua sobrevivência na iniciação no Batuque, Revista *Olorun*, edição 11 Dez, 2012.
[http://olorun.com.br/site1/maqazines.html?view=maqazine_more&id=29&b=1]

JOHNSON, Samuel. *As mulheres do Alafin, The history of the yorubas, From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate, by, the rev. Edited by dr. O. Johnson, Lagos.*

MUINHOS, Fabize. Sacerdotisa do *Ilé Àṣe Foribalè Korun*, Belém, Nação Ketu, iniciada em 27 de setembro de 1999, pertence ao *àṣe Ile Axe Tokole*, Salvador, Bahia. [<http://www.facebook.com/fabizemuinhos>]

BRASIL, Eduardo. Sacerdote Nação Angola, São Paulo, Iniciado 23 de julho de 1976, com Edison Ribeiro Mandarinó – Kaobakessy, matamoride@hotmail.com

MARINS, Luiz L. Pesquisador independente e escritor na área das religiões afro-brasileiras. Fundador do Cecori - Centro de Estudos do Culto aos Orixás, em São Paulo (extinto). Iniciado no ritual do Batuque do R.S. Atualmente mantem dos portais na web, Cultura Yorubá, <http://culturayoruba.wordpress.com>, Grupo Orixás, <http://grupoorixas.wordpress.com> e colaborador da Revista *Olorun*, <http://www.olorun.com.br>



As Esposas de *Odùduwà*

Aulo Barretti Filho

Olóòkun Seniade : *Iyá Òkun*, a dona, Mãe e Rainha do Mar, a primeira e a favorita de *Odúduwà*. A senhora da prosperidade, fartura e riqueza como o próprio mar, a mãe de *Ogún* e *Ìsèdélé*.

Osààrà : "aquela que foi abençoada com muitos filhos", é cultuada no santuário de Olókun e sua festa anual chama-se *Agbgn*.

Omitótó-Òsé : uma das favoritas, mãe de *Ajibogun*, que veio a ser o *Qwá Obòkun*, que fundou as cidades de *Ìbòkun* e *Ìlèsà*. Alguns dizem, que ela (*Omitótó*) adotou ou foi mãe de *Qbàlòràn*, natural de *Ìlòràn*, que foi chefe de *Ìlódé*, cidade natal de sua mãe. Outros ainda dizem, que ele foi filho de *Sàpàràkùnní*, então donzela de rara beleza que vivia com sua irmã *Omitótó*, e que *Odúduwà* visitava esta casa com muita frequência, onde teve noites de intenso amor. Com isso, conheceu e apaixonou-se por *Omitótó*, com quem, depois, se casou.

Ojùmmu-Yàndà : à que fez esforços sucessivos para conter e mediar às longas disputas entre *Odúduwà* e *Qbàtálá*.

Lakanje : também conhecida como *Anihunka*, a mais bela e sensual das esposas, a mãe de *Òrànmiyàn*.

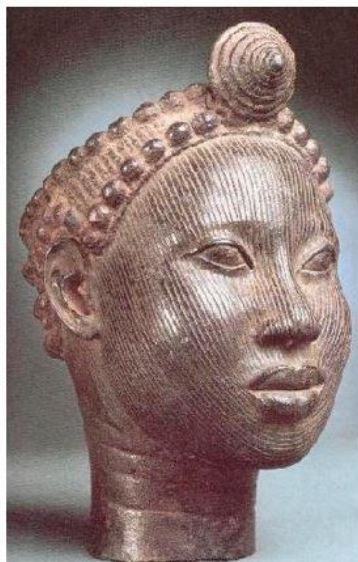
Omoñide : que teve vários filhos com *Odúduwà*, entre eles, alguns que se tornaram *Qba*, como o *Alákétu* e o *Aláké*. Dizem também, que ela ou um dos seus descendentes foi quem fundou a cidade de *Abéòkuta*.

Ogunfunminire : dizem que foi mãe de muitos filhos de *Odúduwà* e foi quem fundou a cidade de *Lagos*.

Yèyémòólú : foi a mais velha (em idade) de todas as esposas, tinha a responsabilidade de supervisionar toda a alimentação servida a seu esposo. Dizem, que se transformou em um poço de água potável, e extremamente saudável. Por esse e outros motivos, todos os *Òòni* que reinaram e reinarão em *Ifè*, sem "casam" primeiramente com "ela" antes de morarem definitivamente no palácio como *Òòni*, onde até hoje existe o poço que *Yèyémòólú* se transformou e onde é reverenciada.

Àtìbà : para uns ela não teve filhos, para outros foi a mãe dos *Qba Osemofarawe* e *Ebumàwè* que foi o fundador da cidade de *Agó-Ìwóyè*. Foi uma das esposas que mais idade tinha, e se transformou numa pequena peça de granito, hoje na entrada do Museu de *Ifè*.

Ogido : sem dados.



"O artefato pode por hipótese, ser o da cabeça de uma *Òni* feminina" (cf. in legenda : pg.95), ou ainda, esposa de algum *Ònide Ifè*, note que o *adé* não está completo, falta justamente o *aré*.

<http://aulobarretti.wordpress.com/revista-ebano-ile-ife/esposas-de-oduduwa/>

**Os Oba Omo Oodua Descentes de Odùduwà:
filhos e / ou netos**

Aulo Barretti Filho

A Formação da Nação Yorùbá

À partir de alguns dos filhos e/ou netos de *Olófin Odúduwà: Óòni de Ilé-Ifè, Oba dos Ifè e Bábánlâàwa dos Yorùbá:*

Uma princesa de nome desconhecido: filha ou neta de *Odúduwà*, que casou-se com um sacerdote, e foi mãe de *Ajibòsin*, que se tornou o *Olówu de Ówu*. Ou não foi uma princesa e sim uma das esposas de *Odúduwà : Omitótó-Ósé*, que foi a mãe de *Ajibòsin*.

Sopasan: *Alákétu de Kétu*, filho de *Odúduwà* com *Omonide*, uma de suas esposas; ou foi filho de uma princesa, que foi filha ou neta de *Odúduwà*, de nome desconhecido. Ou então, que se chamava *Oluwunku*, que casou-se com *Paluku*, que foram então os pais de *Sopasan*, o qual fundou, num vale do monte *Òkè-Oyan*, a primeira cidade dos *Kétu*, que se chamou *Arò-Kétu*. O sétimo *Alákétu* o *Oba Ede*, transferiu sua corte da então capital do reino a *Arò-Kétu*, para uma nova cidade que fundou, à atual cidade de *Kétu*, hoje na República do Benim.

Ajagunlà: *Órángún de Ìlâ*.

Nome desconhecido: *Onisabe*, Reino dos *Save*, hoje na República do Benim.

Idekòséroàké também conhecido como Okànbí Odara: *Onípópó*, Reino dos *Pòpó*, hoje na República do Benim.

Òrànmìyàn: *Obaàbinín* da cidade do *Benin*, destronando e o expulsando *Ogiso*, inicia a linhagem dos *Oba no Benin*. Sua dinastia tem continuidade com *Èwékà*, seu filho com uma nativa, que o sucedeu após ele, *Òrànmìyàn*, deixar a cidade.

Òrànmìyàn: *Aláààfin Òyó*, fundador da cidade de *Òyó*, após a conquista da cidade do Benim. *Òyó* se tornou um grande reino e "mais tarde", um poderoso império.



Àjàlekè: Aláké dos Égbá.

Ajibógun: Owá Obókun das terras de Ilesa - Ijesa.

Obàlúfan Aláyémoré: Olúfan de Ifan.

Àjàpondà: Déji de Àkúré.

Olúbórógan: Awújalé das terras de Ijèbu.

Obarádá: Um reino, hoje na República do Benim.

Oninàná: Um reino, hoje na República de Gana.

Ogbè: Ajèro de Ijero.

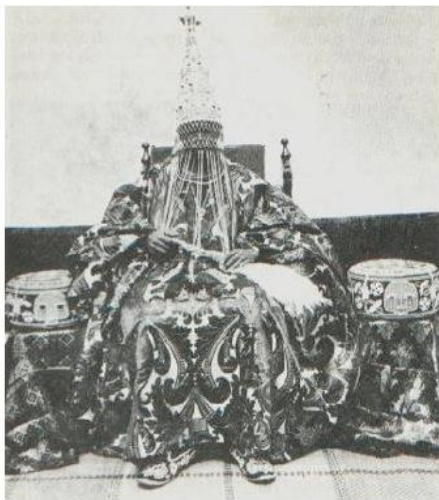
.....: o clã dos *Ido*, das terras de *Égbádò*, hoje parte destas cidades como *Pobé*, *Saketé* e *Ajase* (hoje, Porto Novo) estão na República do Benim.

Soropásán: dos Igbómínà.

Alguns Oba



Oràngún de Ilá, Oba Ariwajoye I
(foto de 1980).



Owá de Ijesá : Oba, não identificado. (em torno de 1930-40).



*Óòni de Ilé-Ifé: Oba Adesoji Adérémi,
Atóbaté 1 (1930-80).*



*Alákétu de Kétu... Oba Adéwọri
(Adegbite) do Egbé Alapini (1937-
63).*



Alákétu de Kétu : Oba Adiro Adétutu do Egbé Magbo, com traje social em evento no MASP, Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, Brasil em onze de maio de 1988. (Nov. de 1965 - 2001 ainda reinava).



Alááfin de Òyó : Oba Adéniran Adéyemi II, com um dos seus filhos e com algumas de suas esposas. (1945-56 de posto) - foto de 1951.



Alááfin de Òyó : Oba Gbadegesin Ladugbolu II (1956-68) - Oba Alááji Lamidi Oláiyewolé Adéyemi III (1971-96, ainda reinava) entronizado em 01/1971 aos 31 anos. / sem imagem.

O *Òrìṣà* não discrimina nem um indivíduo, por isso, qualquer um pode ser iniciado para o *Òrìṣà*, seja qual for o seu credo, raça ou orientação sexual.

O *Òrìṣà* vive, por isso, possui inteligência, personalidade e vontade de criar e ajudar a transformar o homem.

A intolerância vive apenas na cabeça daquele que não possui um bom *Orí*, por isso, *Òrìṣà* sempre será um guardião de *Orí* e o irá ajudar para que se faça um bom caráter.



Por Erick *Òṣàálá* www.olorun.com.br

Você reclama da sorte e culpa o seu *Òrìṣà*, mas que culpa ele tem se você sempre o usou indevidamente ou tentou prejudicar alguém com os seus caprichos?

Tenha uma boa conduta que jamais ele lhe trará uma sorte duvidosa, e, ou se virará contra você.

Saiba lidar com o que possui e jamais será um homem de dois caminhos!

Não é preciso ter fé cega para cultuar *Òrìṣà*, ele vive e manifesta, por isso temos a certeza de que o *Òrun* existe!



Por Erick *Òṣàálá*

www.olorun.com.br

Orí é tão importante quanto o sol, sem ele não há prosperidade e saúde!



*Não existe uma vida plena sem *Orí* querer, nem mesmo *Òrìsà* pode mudar sem que *Orí* sancione.*

*Por isso, se desejar felicidade, peça à *Orí**

*Se desejar amor, peça à *Orí**

*Se desejar saúde, peça à *Orí**

*Se desejar prosperidade, peça à *Orí**

Por Erick www.olorun.com.br

**“ Não devemos cultuar o feitiço e a inveja,
devemos cultuar um bom Orí e a sabedoria.”**

**“Somente os bons sacerdotes serão lembrados, e
serão, quem sabe um dia, cultuados e eternizados.”**

Erick Wolff
www.olorun.com.br